

RESUMOS

Muçulmanos no Delta do Rio da Pérola, 1700-1930

É de conhecimento geral que os Muçulmanos da Índia tiveram uma longa história de trocas comerciais com a China. Durante a dinastia Tang (618-905) os mercadores árabes deslocavam-se regularmente a Cantão para negociar. Estas trocas influenciaram e marcaram fortemente a cidade com a presença de uma das mais antigas mesquitas do mundo e de um pequeno núcleo de crentes que sobreviveu até aos nossos dias. Contudo, o que poucos sabem é que os Muçulmanos desenvolveram um comércio muito dinâmico com a China durante a dinastia Qing (1644-1911). A partir de finais de 1690 começam a aparecer em documentos estrangeiros relatos sobre a deslocação de Muçulmanos para a China, normalmente designados por “Mouros”, termo genérico para referir quase todos os nativos da Índia, mas querendo geralmente significar os Muçulmanos. Uma vez, chegavam com os seus próprios barcos e mercadores, outras surgiam como “Lascars” (marinheiros) em barcos com destino à China. Em finais do século XVIII e inícios do século XIX, os Muçulmanos tinham-se estabelecido no delta como *serangs* (agentes) que angariavam marinheiros muçulmanos e lhes providenciavam alojamento e refeições em Macau. Outros dedicavam-se a emprestar dinheiro a chineses e estrangeiros e encarregavam-se de carregar as mercadorias nos barcos que faziam a ligação entre a China e a Índia. Esta longa tradição de Muçulmanos no delta do rio da Pérola permanece até hoje. [Autores: Carl T. Smith e Paul A. Van Dyke, pp. 6-15]

Os Parses no Comércio com a China

Os comerciantes e homens de negócios Parses, provenientes de Bombaim e da costa ocidental da Índia, desempenharam um papel extremamente importante nos intercâmbios entre a China e a Índia da época moderna. Porém, essa sua participação no comércio com a China não mereceu ainda a devida atenção por

parte dos académicos, quer orientais quer ocidentais. Tanto na Índia como no exterior, a presença na China dos Parses (e, em geral, dos indianos) tem sido encarada como uma mera extensão ou ramo da presença britânica na China. Este estudo tem por objectivo corrigir essa visão algo distorcida, pondo em evidência as actividades dos comerciantes e homens de negócios Parses em Hong Kong e no litoral chinês, desde os finais do século XVIII até ao início do século XX, distinguindo duas principais fases nas relações comerciais dos Parses com a China: a primeira, baseada no comércio do algodão e do ópio e no transporte de mercadorias, e a segunda, a partir da segunda metade do século XIX, caracterizada pela diversificação dos seus interesses comerciais na China. A actividade do maior comerciante parse na China, Jamsetjee Jejeebhoy, é analisada com alguma profundidade por nos esclarecer sobre a natureza geral do comércio, especialmente durante o problemático período de meados do século XIX. De uma forma geral, este estudo visa dar uma ideia da grande importância das relações económicas dos Parses com a China, bem como clarificar a natureza das suas relações, na China, quer com os ingleses quer com os chineses.

[Autor: Madhavi Thampi, pp. 16-25]

Contribuição dos Parses para o Desenvolvimento de Bombaim e Hong Kong

Durante os séculos XVIII e XIX, os comerciantes Parses da China operavam na área de Macau, Guangzhou e Hong Kong. Esta actividade envolvia um grande número de comerciantes, sendo elevado o volume de comércio e extraordinários os lucros. Alguns deles estabeleceram-se em Hong Kong para melhor poderem gerir os seus lucrativos negócios. A inclinação natural dos Parses para apoiarem qualquer causa humanitária permitiu-lhes utilizar a fortuna acumulada da melhor maneira e, assim, o desenvolvimento económico e a urbanização de Bombaim e Hong Kong muito devem às suas doações generosas. A

riqueza e o importante estatuto que alcançaram através do comércio com a China reflecte-se na construção de Bombaim, enquanto principal cidade comercial, industrial e financeira da Índia. A influência chinesa está também patente nas actividades sociais e culturais desenvolvidas em Bombaim.

[Autor: Shalini Saxena, pp. 26-35]

Comerciantes Parses no Delta do Rio da Pérola

Os Parses do delta do rio da Pérola eram seguidores da fé zoroastriana. As trocas comerciais entre os comerciantes Parses e a China tiveram início em meados do século XVIII, aparecendo registada no *Calendário Anglo-Chinês* a lista completa dos comerciantes Parses de Cantão. É possível reconstruir as suas actividades na China a partir de várias fontes. Nas primeiras décadas do século XVIII, os Parses dedicavam-se essencialmente à importação de ópio para a China, datando de 1825 o primeiro registo da presença de um Parse em Macau, sendo certo que pouco tempo depois adquiriram um terreno onde os seus pudessem ser sepultados. Um documento datado de 1840 dá-nos conta de uma firma e dos nomes de nove comerciantes Parses residentes em Macau, fornecendo dados sobre todos. Porém, em 1848, apenas um deles, Heerjeebhoy Rustomjee, permanecia em Macau. O senhor Bejonje aqui se registou como homem de negócios em 1923. Os Parses desempenharam também um papel importante na mistura de etnias de comerciantes no delta do rio Pérola. O presente artigo procura registar o papel que desempenharam.

[Autor: Carl T. Smith, pp. 36-49]

O Fim do Equívoco sobre “Seres” e o Contributo Português para a História da Cartografia Europeia

Nas obras dos antigos geógrafos europeus é referenciado, no norte da Ásia Oriental, um país chamado *Seres*, a sul do qual surge um outro, *Thin* ou *Sina*. A China e todo o continente da Ásia Oriental eram considerados dois países diferentes. Este equívoco geográfico, que pode ser

RESUMOS

designado por "equivoco Seres" manteve-se ao longo de vários séculos.

Com a época dos Descobrimentos tudo se vai alterar. Em meados do século XVI, no esplendor da cartografia portuguesa, as novas informações fornecidas pelos cartógrafos portugueses, que claramente referenciavam a palavra China ou outros termos com ela relacionados, vão pôr fim àquele "equivoco". Tendo em conta os mapas de André Homem (1559) e de Bartolomeu Velho (1561), o autor considera que esta clarificação se terá verificado por volta de 1560.

Os cartógrafos portugueses foram capazes de ultrapassar tal "equivoco" com base em informações obtidas em primeira mão pelos seus próprios compatriotas na China, sendo eles a propiciar aos restantes europeus um melhor conhecimento da Ásia Oriental. No entanto, na altura os Portugueses consideravam a informação recolhida no Oriente como segredo de Estado, não se poupando a esforços para impedir a sua divulgação, chegando mesmo a distorcer a verdade dos factos. O que os mapas portugueses revelavam era apenas uma parte dos seus reais conhecimentos. Se não se tivessem verificado estes entraves, o "equivoco" poderia ter sido clarificado mais cedo.

[Autor: Hua Tao, pp. 50-69]

Um Viajante Imaginário, Iambulo, e um Fidalgo Português Anónimo nas Ilhas do Sudeste Asiático

Iambulo é o alegado autor de um fantástico e utópico relato de viagens, primeiramente divulgado pelo historiador romano Diodoro Sículo. Em meados do século XVI, o compilador italiano Giovanni Battista Ramusio divulgou este texto na sua monumental colectânea *Navigazioni e Viaggi*, acrescentando-lhe alguns comentários críticos da autoria de um fidalgo português que conhecera em Veneza poucos anos antes. Homem com vasta experiência oriental, o anónimo português identifica alguns dos lugares descritos por Iambulo com regiões do Sudeste Asiático que ele próprio visitara durante as suas viagens pelos mares asiáticos ao serviço da coroa portuguesa. O texto que apresentamos nesta edição, para além de apresentar uma tradução e uma

análise do relato de Iambulo, explora criticamente os comentários do humanista e orientalista português.

[Autor: Juan Gil, pp. 70-83]

A Ásia e a Europa na Formação da Economia-Mundo e da Globalização: Trajectórias e Debates Historiográficos

Este artigo procura oferecer um itinerário problemático dos principais estudos históricos que interessam para uma investigação da globalização enquanto processo histórico. Sumariam-se e discutem-se os principais argumentos propostos por Fernand Braudel e Immanuel Wallerstein tratando de situar a formação de uma economia-mundo nos inícios do século XVI, centrada na expansão europeia, a partir de uma especial reunião de factores económicos, sociais e políticos. Esta especialização europeia tem vindo a ser criticada por vários autores e renovadas pesquisas nos últimos anos, destacando-se neste estudo os trabalhos referenciais de Andre Gunder Frank, Kenneth Pomeranz e J. M. Blaut, concorrendo para comprovar que o *globalismo* organiza plurisseccularmente as relações económicas mundiais antes e longe de uma totalizante supremacia económica europeia, obrigando definitivamente a rediscutir em sede de estudos comparados os papéis respectivos da Ásia e da Europa na estruturação de um demorado processo de globalização.

[Autor: Ivo Carneiro de Sousa, pp. 84-107]

Wu Li: Em Busca da "Luz do Ocidente"

Wu Li (1632-1718), célebre pintor, poeta e calígrafo, era ainda menino quando descobriu a presença dos missionários jesuítas na sua terra natal, Changshu, na província de Jiangsu. Embora a família Wu já estivesse em declínio, recebeu uma boa educação, distinguindo-se nos estudos e, tal como a maior parte das elites letradas da época, familiarizou-se com os Três Ensinos: Confucionismo, Budismo e Tauismo. Devido à turbulência política e ao desassossego social que se vivia durante o final da dinastia Ming e o início da dinastia Qing, há muito que idealizava uma "Terra de Flores de Pessegueiro" (um

paraíso na terra) e, assim, partiu em busca de iluminação espiritual. Em 1665, viajou para Suzhou e tornou-se amigo íntimo do monge budista Morong. Em 1670, acompanhou Xu Zhijian até Pequim e conheceu os Jesuítas na corte imperial. No início da década de 70, começou a aproximar-se do Catolicismo, que lhe permitiu ver a luz da vida. Em 1681, com 50 anos, partiu de Changshu para Macau em busca do *tianxue* (Catolicismo) e ingressou na Companhia de Jesus, como noviço, em 1682. A sua viagem a Suzhou, Pequim e Macau constitui uma metáfora de uma viagem pelos caminhos do pensamento, isto é, uma reflexão sobre vários tipos de doutrinas religiosas em que procurou incessantemente novos horizontes para expandir a sua espiritualidade. Em 1688, depois de ter sido ordenado padre em Nanquim com 57 anos, partiu para Xangai e Jiading para propagar o *Dao* Ocidental (Cristianismo). Nessa altura, prevaleciam dois poderes religiosos históricos na China: por um lado, a harmonização dos Três Ensinos tornara-se um fenómeno de sincretismo popular; por outro lado, a longa controvérsia à volta da questão dos ritos chineses quase atingira um ponto crítico. Este artigo analisa a busca determinada de Wu Li pelos caminhos da espiritualidade, nessa época específica. Embora Wu Li raramente tenha pintado depois de se ter envolvido na sua missão de proselitismo, deixou uma colecção variada de poemas e versos sobre Macau e sobre religião. Esses textos literários dão-nos uma ideia nítida das dificuldades encontradas por um noviço, avançado na idade, na Igreja Colegiada de São Paulo, de como a "Luz do Ocidente" iluminou a sua vida e de como sobreviveu como padre rural, numa altura em que os missionários estrangeiros estavam a ser gradualmente expulsos da China, após a proibição de se pregar a fé Cristã.

[Autor: Christina Miu Bing Cheng, pp.108-125]

Pintura Contemporânea de Macau

Macau foi, desde o século XVI, sucessivamente trampolim para a evangelização da China por via dos missionários, alguns dos quais também artistas como Sambiasi e Castiglione, e

ABSTRACTS

encruzilhada de viajantes ou residentes como Auguste Borget e George Chinnery, artistas que, no século XIX, retrataram a cidade, dando início a uma tradição que na primeira metade do século XX iria encontrar em George Smirnoff brilhante continuador. A segunda metade do século mais veloz da história da humanidade iria, até aos finais dos anos 70, encontrar em autores locais como Kam Cheong Leng, Kuok Si e Tam Chi Sang continuadores do registo dos aspectos urbanos de Macau. Os anos 80 abrem-se para a entrada em cena, de uma forma ousada, da crónica gráfica de Macau por via do desenho inovador de Ung Vai Meng e de Carlos Marreiros, dois estilos distintos, derrubando convenções num momento em que as estruturas oficiais promoviam dinâmicas no mesmo sentido. Contudo, existe ao nível autoral um fio condutor que se transforma em linhagem que se desdobra noutras temáticas radicadas numa noção de identidade e sentido de pertença que é assumido por outros artistas que nessa década e seguintes vão constituindo o núcleo duro de uma expressão plástica que se exprime pela convocação de referências locais para se legitimar de modo diversificado, lançando as bases para a autenticidade da pintura que hoje se pratica em Macau, expressão tão diversa e singular como o universo de origens dos seus principais autores. As novas gerações já são herdeiras do trabalho pioneiro ajudando a consolidar a singularidade da expressão plástica contemporânea de Macau.

[Autor: António Conceição Júnior, pp. 126-139]

Exorcismos e Exorcistas em Macau. Sobrevivência de Antigos Rituais

A prática dos exorcismos é muito antiga na China. Tanto os bonzos tauistas como os budistas, e ainda alguns letrados confucionistas, eram frequentes vezes chamados para exorcismar alguém. Aliás, os exorcismos confucionistas são considerados os de maior poder de acordo com a seguinte associação de ideias: considerando que o próprio Imperador representa na Terra o *Dau* (o Absoluto da Filosofia Tauista) e o caminho para o *ren* da Ética Confucionista, ele é também, na sua própria pessoa, um exorcista. De facto, bastas vezes, ao longo da história da China, o Imperador interveio com o seu poder de “Filho do Céu” para livrar o povo de grandes calamidades. As práticas esconjuratórias são, aliás, muito antigas e comuns talvez, mesmo, a todos os povos da Terra, de acordo com a ideia de que as doenças, principalmente as do foro psicológico, eram provocadas por espíritos malignos. Uma vez que um espírito entrasse numa pessoa, quer seja um *gui* quer uma entidade abstracta, noções que se confundem entre a população de Macau, onde diferentes culturas deixaram traços marcantes, pode provocar diferentes doenças, das quais as mais frequentes consistem num lento definir ou na loucura, podendo passar pela histeria ou pela epilepsia. Algumas ideias sobre a possessão e sobre o valor dos exorcismos, que perduraram entre a população portuguesa de Macau, revelam, por outro lado, a influência das

concepções dos próprios padres católicos, característica da Idade Média, mas que em Macau vingaram durante todo o século XVII e ao longo dos séculos XVIII e seguintes, operando curas maravilhosas e logrando mesmo impor-se à crédula população chinesa como consta das Cartas Anuais dos padres jesuítas. Em Macau, o respeito pela loucura resultante da possessão, levou, certamente, à aceitação destas curas miraculosas por meio do esconjuro e da água benta. Certas doenças nervosas teriam sido tratadas, assim, com êxito, mercê duma empírica psicoterapia social ou de grupo, com notável valor. O episódio bíblico de Jesus expulsando uma legião de demónios dum endemoninhado gadareno (S. Marcos, 4, 5) revela a crença no valor dos exorcismos entre os hebreus e a razão da perpetuação de tais práticas entre os cristãos, práticas que chegaram aos nossos dias. Na Europa também os exorcismos eram práticas frequentes durante a Idade Média tendo sobrevivido até aos nossos dias em muitas aldeias de Portugal. Os chineses, tal como os ocidentais, admitem a possessão e o valor dos esconjuros sempre que um *gui iap sân*, isto é, um espírito entre no corpo. Em Macau, por influência conjugada das culturas portuguesa e chinesa, o respeito pela loucura resultante da possessão, levou certamente à crença nas curas miraculosas por meio de esconjuro e da água benta praticadas tanto pelos padres jesuítas como pelos bonzos tauistas e budistas.

[Autor: Ana Maria Amaro, pp. 140-150]